

POLARIDADES, INTENSIDADES E DESENCONTROS: UMA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE ESTADOS ABSOLUTOS

POLARITY, INTENSITY AND MISMATCH: A SUPERLATIVE CONSTRUCTION OF ABSOLUTE STATES

Neusa Salim Miranda *

Patrícia Miranda Machado **

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Resumo: Assumindo a perspectiva sociocognitiva e construcionista configurada pela Linguística Cognitiva e pelos Modelos de Uso da Gramática das Construções, o presente trabalho busca investigar o caráter semântico desencontrado em uma construção morfológica presentemente nomeada Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos (CSSEA). Trata-se de uma construção morfológica formada a partir da integração de um núcleo que remete a um estado absoluto não-graduável (*desempregada, casada, grávida*) com um operador de escala superlativa (*-íssimo/a*). O resultado são *types* como *desempregadíssima, casadíssima, gravidíssima, formadíssima*. A configuração da CSSEA aponta para o fenômeno do Desencontro/ *mismatch* (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUOGOTT, 2007; TRAUOGOTT, 2006; GOLDBERG, 1995, 2006), uma vez que evidencia incongruências entre as propriedades semântico-formais das unidades que integram este padrão – o afixo superlativo *-íssimo* e o item lexical por ele graduado. Essa incongruência da construção é abordada a partir das relações polares de contrário e contradição, descritas por Israel (2004).

Palavras-chave: Gramática das construções; Morfologia; Desencontro; Polaridade; Construção morfológica.

Abstract: Assuming the sociocognitive and constructionist perspective taken by Cognitive Linguistic and by the Models of Use from the Construction Grammar, this work aims at investigating the mismatched feature of a construction, here called as Superlative Synthetic Construction of Absolute States (SSCAS). It is a morphological construction built from the integration of a chore which refers to a non-gradable absolute state (*desempregada, casada, grávida / unemployed, married, pregnant*) with a superlative scale operator (*-íssimo/a – very*). The result of this integration is *types* such as: *desempregadíssima, casadíssima, gravidíssima, formadíssima*. The configuration of SSCAS points to the mismatch phenomenon (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUOGOTT, 2007; TRAUOGOTT, 2006; GOLDBERG, 1995, 2006), due to the fact that it makes clear the incompatibilities between the formal-semantic properties of the units which integrate this pattern – the superlative affix *-íssimo* – and the lexical item graduated by it. The incompatibility of this construction is approached from the polar relations of contrariety and contradiction, as they were described by Israel (2004).

Keywords: Construction Grammar; Morphology; Mismatch; Polarity; Morphological Construction.

* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora – MG; neusalim@gmail.com

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora – MG; patmima@oi.com.br

Introdução

A questão da integração conceitual no léxico ou na gramática tem sido uma pedra no meio caminho das teorias semânticas. Para modelos semânticos formalistas, tal questão tem sido abordada em termos de postulações de transparência e previsibilidade, o que configura a nomeada Hipótese Forte da Composicionalidade (FILLMORE, 1979). Tal hipótese implica conceber o significado linguístico (separando dicionário e enciclopédia) como resultado da soma do significado das partes dos constituintes de uma determinada expressão. Nessa direção, consideram-se os princípios, regras gerais de combinação sintático-semântica dessas partes, excluindo da construção do significado a sua configuração giestáltica, ou seja, a sua configuração como um todo em que o processo de significação semântica envolve, para além da forma e da combinação linear de traços, toda ordem de experiência dos usuários e os efeitos pragmáticos decorrentes do uso discursivo. Dentro deste ordenamento formalista da integração conceitual, uma expressão linguística que implique um processo de integração complexa, com transparência e previsibilidade relativas, é posta à margem de qualquer regra, como irregularidade e idiosincrasia (FILLMORE, 1979).

Na contramão desta visão, é conhecido o apreço dos linguistas sociocognitivistas – congregados pela rede de modelos teóricos da Linguística Cognitiva – pelo estudo da dita “periferia” da linguagem, qual seja por aquele contingente superlativo de fenômenos que foi sendo deixado à margem da investigação pela tradição formalista porque considerado como idiosincrasia, como exceção sem qualquer relação com as regularidades do sistema definidoras do seu “centro”. A *Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos* (CSSEA), descrita por Machado (2011) e que se constitui como objeto analítico do presente estudo, ilustra, pelas suas instâncias, este conjunto de expressões marginais:

- (1) *Gravidíssima*, Camila Alves leva seu barrigão para passear¹.
- (2) Estou *Casadíssima* e Sou Felíssíssima, pela Graça de Deus... Completamente realizada na minha vida sentimental...²

¹ Exemplo disponível em: <<http://busca2.globo.com/Busca/ego/?query=%22Gravidez%22>>. Acesso em: outubro 2010

² Exemplo disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080723182457AAXNeoT>>. Acesso em: outubro de 2010

- (3) Fiz este pavê para o fim de ano, ficou ótimo, fez o maior sucesso! *Aprovadíssimo!*³
(4) Conca Camisa 10 clássico e dono de indiscutível habilidade, o argentino seria um *candidatíssimo* à titularidade no time de Dunga.⁴

Aderindo à agenda de estudo posta pela Linguística Cognitiva, a tarefa analítica principal do presente estudo consiste, pois, em evidenciar, por meio de um Estudo de Caso, que:

- i. Lexemas da língua portuguesa, cuja base semântica exprime estados absolutos (*casado, solteiro, candidato, grávida, desempregado*), fundem-se com um operador morfológico de escala superlativa (-íssimo), servindo de núcleo para unidades construcionais com valor superlativo (*casadíssimo, gravidíssima, aprovadíssimo, candidatíssimo* nos exemplos de 1 a 4);
- ii. a construção emergente desta fusão, aqui nomeada CSSEA segue princípios de sistematicidade dentro da língua portuguesa, e não é uma lista de ocorrências de “foras da lei”.

Tal tarefa analítica nos coloca, portanto, diante uma forte “irregularidade” no processo de integração conceitual das construções em estudo. Se construções superlativas têm como função semântica básica evocar um *frame* de escala, focalizado em seu grau máximo ou mínimo (MIRANDA, 2008b), como seria possível, portanto, conceber-se um estado absoluto em termos de grau? Nesses termos, a soma de um radical absoluto com um sufixo superlativo é um fenômeno incompatível; estados absolutos não são graduáveis, não há como estar mais ou menos grávida, nem mais ou menos casada ou solteira.

Contudo, e apesar de um possível “veto”, o número de ocorrências de construções formadas a partir dessa aparente incongruência entre radical e sufixo é bastante significativo (30 *types* e 1757 *tokens* integram o corpus do presente estudo). Buscas rápidas através de ferramentas digitais (*site* Google) também comprovaram a existência da construção em sua forma analítica, como em “Selena sobre os rumores de namorar Nick Jonas: ‘Não é verdade, eu estou solteira, *muito solteira*, preciso trabalhar, pois estou *muito desempregado*, e tenho bastante experiência nesta área”. Desse modo, se os fatos existem, é necessário que nos curvemos diante deles.

³ Exemplo disponível em: <<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/1071-pave-sonho-de-valsa.html>>. Acesso em: outubro de 2010

⁴ Exemplo disponível em: <<http://blogaodofigueirense.wordpress.com/>>. Acesso em: outubro 2010

Para tal decisão analítica, nossa escolha teórica recai, como já anunciada, sobre os pressupostos sociocognitivistas do paradigma nomeado como Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999; FILLMORE, 1982; SALOMÃO, 1999, 2009A; MIRANDA, 2002, 2005) e, em especial, sobre o viés construcionista deste modelo reconhecido como Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; SALOMÃO, 2009B; MIRANDA, 2002, 2007, 2008A, 2008B; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004).

Tal abordagem teórica implica, do ponto de vista metodológico, um forte compromisso com a empiria. Assim, nossa análise se sustenta a partir de uma base de dados natural e espontânea – um *corpus* específico construído, por meio do concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta*. Essa ferramenta nos permitiu a busca de dados dentro do universo digital, dando-nos acesso a uma grande gama de textos, os mais diversificados possíveis, disponíveis na internet. Desse modo, constituiu-se um *corpus* específico da construção, formado a partir de 30 *types* e 1.757 *tokens*, dentro de um universo de 8.189.656 palavras.

Nesse viés teórico, o aparente conflito semântico entre os constituintes da construção em foco é considerado à luz das seguintes categorias analíticas centrais: Construção, Desencontro/ *mismatch* e Polaridades semântico-pragmáticas que serão tratados, respectivamente, às seções 1, 2 e 3. Na seção 4, apresentamos um recorte analítico de um estudo mais amplo sobre CSSEA (MACHADO, 2011). Assim, os aspectos pragmáticos e discursivos, tal como a dimensão semântica mais aprofundada da construção, por razões de espaço, deixam de ser considerados neste artigo.

1 Um breve panorama acerca da gramática das construções

O conceito de construção é tomado neste estudo como a unidade analítica para a descrição da expressão lexical em estudo. Assim, a presente seção busca apresentar tal conceito, delineando-o, de modo abreviado, dentro de sua matriz – a Teoria da Gramática das Construções (GrC). Tal teoria é vista pelos cognitivistas, fundamentalmente, como um modelo alternativo para uma abordagem sociocognitiva dos fenômenos sintáticos, sejam eles centrais ou periféricos. Por outro lado, dada a premissa da continuidade essencial entre sintaxe e léxico sustentada por este paradigma, a transposição deste modelo construcionista para o campo do léxico, da morfologia parece ser uma tarefa prevista, mas ainda por se cumprir.

Partimos, pois, de uma definição da noção de *construção*, segundo Goldberg (1995, p. 4):

C é uma *construção* se C for um par de forma-sentido $\langle F_i, S_i \rangle$ em que algum aspecto de F_i ou de S_i não for estritamente previsível das partes dos componentes de C ou de outra construção previamente estabelecida. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

Dentro dessa teoria, a *construção*, vista como um símbolo ou signo, adquire um estatuto teórico de unidade básica do conhecimento linguístico. A partir daí, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais.

Interessa-nos, em especial, dada a natureza mórfica (morfologia derivacional) de nosso objeto investigativo, a extensão deste conceito ao campo da morfologia.

Goldberg (1995, p. 4), ao falar da construção como unidade básica da linguagem, propõe, explicitamente, a consideração dos morfemas como instâncias de construções, defendendo um tratamento igualitário do léxico em relação aos demais níveis gramaticais. Nas palavras da autora:

(...) os morfemas são, claramente, instâncias de construções, na medida em que são pares de sentido e forma, não são previsíveis (SAUSSURRE, 1916). Como consequência dessa definição, o léxico não se define de modo distinto do resto da gramática. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

Portanto, para a autora, o léxico não é visto como um quadro desestruturado de entidades independentes, mas sim como uma grade de informações altamente relacionadas (GOLDBERG, 1995, p. 5).

Sendo a construção a unidade básica da linguagem, a gramática, como expressão do conhecimento linguístico, passa a ser, por consequência, o conjunto de *todas* as construções de uma determinada língua. Nesse sentido, a gramática de uma determinada língua passa a ser concebida como uma grande rede de construções, que abrange desde os níveis mais simples até os mais complexos. Ou seja, o conhecimento linguístico dos falantes não é uma lista aleatória de itens e regras, pelo contrário, é um conjunto de construções relacionadas entre si, distribuídas em forma de redes a partir de uma base construcional comum.

A abordagem construcionista da linguagem acaba, por fim, por imprimir um recorte epistemológico que confere ao *uso* papel fundamental na emergência e constituição da gramática e do léxico de uma língua (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; MIRANDA & SALOMÃO, 2009).

É a partir desse enfoque que a GrC se configura como um modelo baseado no uso. Nesse enquadre, o uso gramatical determina, fundamentalmente, as

representações gramaticais. Especificamente, a frequência de uso e a similaridade da forma e sentido são fatores determinantes para a estruturação do conhecimento gramatical. Dito de outro modo, ao contrário da tradição formalista de representação da gramática, que distinguia as formas como *regulares* ou *irregulares*, a representação gramatical, dentro da concepção dos modelos de uso, é determinada pelos modos de expressão na comunicação, ou seja, a arquitetura cognitiva da gramática se codifica no uso. Assim, a gramática de uma língua é concebida como uma rede de construções erguida na cultura por meio do uso e do conhecimento linguístico do falante, nos mesmos termos, consiste em uma rede de símbolos (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008; MIRANDA & SALOMÃO, 2009). Nesses termos, para se apreender a real natureza desse conhecimento é preciso que o sujeito (na ontogênese ou na sociogênese) participe, necessariamente, das molduras interacionais em que tal rede de construções emerge e se consolida (TOMASELLO, 2003). De tudo isto resulta a afirmação da *diversidade* como parâmetro nuclear da gramática.

2 O fenômeno do Desencontro/ *mismatch*

Assumindo a perspectiva teórica da gramática das construções, somos levados a crer que o elo simbólico entre forma e significado na rede de construções da gramática ou do léxico de uma língua ultrapassa os limites de simples regras gerais de combinação. Desvelar os mapeamentos “rebeldes” do sistema, sem tratá-los como meras exceções, é uma meta analítica do programa sociocognitivista e construcionista. É nesse sentido que o conceito de *mismatch* ou Desencontro⁵ tem sido usado para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem elementos ou estruturas (aparentemente) incongruentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000). Essa incongruência é resultado de um mapeamento da relação entre forma e função das construções, considerados os padrões mais gerais de correspondência na linguagem (TRAUGOTT, 2007, Goldberg 1995, 2006). Nesse sentido, temos construções harmônicas que vão estabelecer as condições típicas, ou defaults, que servirão de base para a identificação das construções desencontradas. De modo geral, nos casos de Desencontro, as propriedades sintáticas de uma categoria são associadas a propriedades semânticas de uma categoria diferente, surgindo categorias com propriedades mistas. Assim, por meio de processos de reanálises, uma

⁵ Tradução feita por SAMPAIO, 2010, p. 47

determinada propriedade sintática de uma categoria se associa a propriedades semânticas mais típicas de uma categoria diferente.

Em seus estudos sobre as CEAs (Construções de Estrutura Argumental), Goldberg (1995, p. 52-56; 2006, p. 42) considera o Desencontro no processo de integração entre a semântica dos verbos e a sintaxe-semântica das construções. Nesse caso, o Desencontro decorre da não harmonia entre os Papeis Participantes (PP) do verbo e os Papeis Argumentais (PA) da construção. É nesses termos que o verbo *sneeze* (espirrar), cuja base semântica lexical apresenta apenas um PP – *Zneezzer/ Espirrador* – é instanciado em uma Construção de Movimento Causado (X causa Y to mover Z) com três PA (Causa, Alvo, Tema) e suas respectivas funções sintáticas (SUJ, OBJ, OBL), como no exemplo *Joe sneezed the napkin off the table* (GOLDBERG, 1995, p. 54)

Traugott (2007) usa os modificadores de grau da língua inglesa – o que pode ser replicado no português – para ilustrar a diferença existente entre construções harmônicas e desencontradas. A autora distingue dois tipos de operadores de grau, os intensificadores e os maximizadores. Os intensificadores projetam o seu núcleo em uma escala e, a partir de um ponto estabelecido, o localizam para cima (*muito*) ou para baixo (*pouco*). Já os maximizadores colocam seu núcleo no topo de uma escala (*completamente*). Os maximizadores e os intensificadores ainda se distinguem quanto ao tipo de núcleo com que se relacionam. Enquanto os intensificadores combinam-se, harmoniosamente, com núcleos graduáveis ou ilimitados (Hoje foi divulgado mais um cartaz, aliás *muito bonito...*), os maximizadores juntam-se com núcleos não-graduáveis ou delimitados (Apostilas e Cursos *totalmente grátis!*). Contudo, Traugott observa outras combinações possíveis que misturam intensificadores com núcleos não-graduáveis: “(...) é muito barata também...”; “*completamente bonita!*”; maximizadores com núcleos graduáveis: “(...) passagens na TAM daqui da Bahia para POA, saiu R\$ 390,00 ... *muito grátis*”. Para a autora, são evidências claras de Desencontro. No tratamento desse fenômeno, Traugott (2006) também destaca o processo de subjetificação em construções desencontradas. Assim, as novas construções demarcam maior proximidade com os enunciadores, uma vez que deixam mais aparentes suas crenças e atitudes.

Segundo Lakoff (1987) e Goldberg (1995, p. 69-72), valer-se do que nos é familiar para criar novos recursos consiste em um uso bastante eficiente de nossos recursos cognitivos e é, por isso, uma estratégia bastante comum no aproveitamento da gramática e do léxico das línguas. Assim, valer-se de categorias já existentes para criar novos sentidos é uma estratégia muito mais econômica do que criar categorias completamente novas.

Diante disso, estudiosos da mudança linguística têm se interessado, cada vez mais, pelo fenômeno do Desencontro, atribuindo a ele papel fundamental nos processos de gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). De fato, o que ocorre é que os casos de Desencontro resultam de um arranjo não-usual das propriedades gramaticais; dessa forma, a gramaticalização lança mão de categorias gramaticais já existentes para criar novas construções.

Assim, os Desencontros não criam incongruências semânticas, mas atuam no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico. Este é o fenômeno que buscaremos demonstrar em nossas análises. A CSSEA é um caso de Desencontro entre um item lexical que expressa estado absoluto (casado) e um morfema derivacional que imprime uma gradação superlativa (-íssimo/a).

3 As polaridades semântico-pragmáticas

De acordo com Israel (2004), a polaridade, à primeira vista, parece ser uma relação simples e simétrica – termos igualmente opostos, ou seja, um termo não pode ser mais oposto que o outro. Contudo, a gramática das polaridades se coloca como um paradoxo, uma vez que, nas línguas naturais, as relações polares são fortemente marcadas por assimetrias e os opostos quase nunca são iguais. Há, portanto, na língua, um constante desequilíbrio entre itens polares, o que nem sempre permite que se faça uma correspondência entre eles, principalmente quando levamos em conta questões pragmáticas.

Para Israel, a polaridade é “uma relação entre oposições semânticas – entre sentidos (ou expressões que denotem sentidos) que são fundamentalmente incompatíveis entre si” (ISRAEL, 2004, p. 1). Assim, as relações polares envolvem não só as relações lógicas de proposições negativas e positivas, mas também as relações conceptuais que definem tanto os pares contrários, tais como quente-frio, bom-ruim, quanto relações entre argumentos favoráveis e desfavoráveis a uma conclusão.

Basicamente, Israel (2004) distingue três tipos de oposição polar – a oposição por *contradição* (*contradiction*), a oposição por *contrário* (*contraeity*) e a *reversão* (*reversal*). Segundo o autor, todos os três tipos de oposição são proeminentes na linguagem natural e na cognição humana de modo geral. Aqui iremos nos ater apenas à descrição dos dois primeiros tipos de oposição.

A *contradição* é o mais fundamental dos tipos de oposição. É uma relação binária, em que um termo precisa ser falso para que o outro seja verdadeiro, assim, as polaridades contraditórias esgotam um determinado domínio em termos de seus valores semânticos. As frases “Sally sorriu” e “Sally não sorriu” expressam uma polaridade

contraditória entre uma negativa e sua expressão não marcada, porque ou você está sorrindo ou você não está. No plano lexical a contradição se dá em relações como *solteiro / casado, aprovado / reprovado, vivo / morto, empregado / desempregado* que definem o núcleo lexical da Construção Superlativa de Estados Absolutos.

Contudo, a maioria dos domínios conceptuais lida com mais de dois valores possíveis. Nesses casos, as entidades estão em uma polaridade *contrária*. Tal oposição não permite que as duas proposições sejam simultaneamente verdadeiras, mas podem ser as duas falsas. Em “Sally sorriu” e “Sally franziu a testa” temos uma relação contrária uma vez que não se pode sorrir e ao mesmo tempo franzir a testa, mas se pode fazer outra coisa com o rosto que não seja sorrir ou franzir a testa. No léxico, temos exemplos como *bonito-feio, alegre-triste, magro-gordo, baixo-alto*.

A polaridade contrária se estabelece a partir de inúmeros termos dentro de um determinado domínio, o que requer um domínio no qual as entidades possam ser ordenadas em uma escala. Assim, faz sentido falar em oposições máximas, uma vez que estamos lidando com domínios escalares.

Segundo Israel (2004), grande parte, se não todos, dos domínios conceptuais mais básicos são escalares por natureza: perceptual, emocional e experiências avaliativas de todos os tipos aparecem em termos de grau, e as palavras que usamos para descrever tais experiências refletem essa “escalaridade”. Assim, como era de se esperar, os contrários polares são uma das relações semânticas básicas do léxico de qualquer língua.

Israel (2004) ressalta ainda que, apesar de mais básica, a semântica lexical dos antônimos e das expressões escalares é, de modo geral, bastante complexa. De fato, as polaridades contrárias não estão apenas separadas em uma dimensão escalar, mas, na verdade, elas pertencem a ordenações/ escalas não só distintas como *opostas*.

Nesse sentido, domínios como os de *quantidade, modalidade epistêmica, temperatura, preferência e avaliação* licenciam duas escalas diferentes, com polaridades diferentes, como é possível perceber a partir dos exemplos abaixo⁶:

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| (5) <tudo, a maioria, muitos alguns> | <nenhum, pouquíssimo, pouco> |
| (6) <necessário, provável, possível> | <impossível, improvável, incerto> |
| (7) <ferendo, quente, morno> | <congelado, frio, resfriado> |
| (8) <adorar, amar, gostar> | <detestar, odiar, desgostar> |
| (9) <excelente, bom, ok> | <terrível/horrível, ruim, medíocre> |

6

Os exemplos acima demonstram que cada domínio comporta duas escalas distintas ordenadas de maneira oposta de acordo com os extremos do seu domínio. Assim, em , por exemplo, o domínio de temperatura comporta tanto a escala de “calor”, em que *fervendo* é maior que *morno*, quanto à escala de “frio”, em que *congelado* está em um nível superior a *resfriado*.⁷

4 A emergência de um novo padrão construcional por Desencontro

Partindo de uma abordagem formalista acerca da integração conceitual, Rio-Torto (2006) marca como *agramatical* a ocorrência de sentenças como: “está muito casado” e “está muito acamado”. A autora diz que a leitura literal não é licenciada uma vez que estamos lidando com “adjetivos de estados que denotam situações encaradas como absolutivas num quadro de disjunções (ou se está ou não se está casado ou se está ou não se está acamado), e que não admitem, portanto, variações escalares” (RIO-TORTO, 2006, p. 111-112).

De fato, “a leitura literal” não é o esperado para tais construções, como veremos em nossas análises, mas, nem por isso, deixam de ser gramaticais. Considerada a perspectiva teórico-analítica do programa sociocognitivo e construcionista, assumido neste estudo, passamos a buscar a Construção Superlativa de Estados Absolutos por meio do nomeado fenômeno do Desencontro (cf. seção 2). Caracteriza tal fenômeno, no caso da CSEA, a fusão entre o operador escalar, o sufixo de intensificação superlativa *-íssimo*, e o item lexical de estado absoluto.

Construções desencontradas apresentam, em seu mapeamento de forma e função, elementos ou estruturas incongruentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000). Para tanto, construções consideradas harmônicas servirão de base para a identificação das construções desencontradas. Tal hipótese implica dizer, contudo, que o significado de construções mais específicas não se conforma ao significado previsto em regras de interpretação semântica de construções regulares, genéricas, demandando regras semânticas mais específicas. Como neste trabalho estamos lidando com o fenômeno da superlativação de estados absolutos, a construção que nos servirá de base é a Construção Superlativa Genérica.

De modo geral, as construções superlativas que estamos aqui chamando de harmônicas, graças a seu alto grau de gramaticalização em nosso idioma, já foram, de alguma forma, descritas pela tradição gramatical. Assim é que se sabe que são, fundamentalmente, constituídas a partir da integração e/ou fusão, analítica ou

⁷ Esses exemplos foram retirados de Israel (2004, p. 4) e traduzidos por nós.

sintética, de um Núcleo Graduável (Adjetivo e (alguns) Advérbios) e de um Operador de Escala Superlativa (afixo, advérbio).

Nos termos da Gramática das Construções seria possível, então, considerar-se a existência de um padrão mais aberto ou genérico para a rede das construções superlativas, que recobriria as combinações mais canônicas ou regulares do português. Assim, é possível nos apropriarmos dos diagramas sintáticos propostos por Goldberg (1995, 2006) para o uso no campo morfológico e configurar a Construção Superlativa Genérica, uma construção abstrata, mais aberta, da seguinte forma:



Figura 1: Formalização da Construção Superlativa Genérica

A formalização proposta no quadro acima mostra o esquema construcional (pólo do sentido e da forma) da Construção Superlativa Genérica. Tal construção recobre as estratégias morfológica (superlativo sintético) e lexical (superlativo analítico), altamente convencionalizadas, de expressão do superlativo nas classes dos adjetivos e do advérbio. Sabe-se que o português também dispõe de outras estratégias lexicais menos gramaticalizadas e metafóricas para exprimir as gradações superlativas de diferentes classes gramaticais (como as apresentadas, por exemplo, por ALBERGARIA (2008) – *A fera do computador; o gigante dos refrigerantes*), mas, dada a natureza de nosso objeto, o foco específico desse estudo são padrões construcionais morfológicos.

Antes de prosseguirmos, e de modo a evitar equívocos analíticos, cabe aqui um parêntese para lembrar uma premissa nuclear aos modelos de uso da gramática das construções (cf. sessão 1). Trata-se da afirmação da dimensão nuclear do uso, o que implica considerar o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática. Nesse enquadre, a realidade fundamental da linguagem é a enunciação de uma pessoa para outra em ocasiões particulares de uso.

Assim, a postulação de um padrão construcional como o acima formalizado significa dizer que tal padrão genérico emerge do uso diversificado e reiterado de instâncias concretas de expressões superlativas. São, pois, os parâmetros de produtividade e de convencionalização de tipos/*types* que sinalizam a emergência de

padrões construcionais. O que significa dizer, nos termos de Goldberg (2006, p. 22), que “as gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem”.

Nos termos assumidos, portanto, a presença altamente consolidada no português de uma construção superlativa genérica é o resultado de instanciações produtivas e convencionalizadas, como os exemplos a seguir, que apresentam o adjetivo *divertido* como núcleo graduável com o qual se combina um operador de escala superlativo (OES), que pode ser um advérbio, como *muito*; um prefixo, como *super-* ou um sufixo, como o *-íssimo*.

(10) O jogo foi *muito divertido*.

Adv. Adj.
OES NG

(11) O jogo foi *superdivertido*.

Pref. Adj.
OES NG

(12) O jogo foi *divertidíssimo*.

Adj. Suf.
NG OES

O adjetivo “*divertido*”, núcleo das instanciações exemplificadas em (10), (11) e (12), é um típico exemplo de núcleo graduável. Ele estabelece com os itens de polaridades dentro do seu domínio conceitual – *frame* de Emoção (*Emotion-directed*)⁸ – uma relação de *contrário* (ISRAEL, 2004); isso significa que o item de polaridade “*divertido*” admite gradação e, assim, pode ser inserido em uma escala, que pressupõe outra:

(13) <divertidíssimo, muito divertido, divertido> <chato, muito chato, chatíssimo>

“*Muito divertido*” e “*divertidíssimo*” podem ser, pois, consideradas instanciações da construção superlativa canônica ou harmônica. Assim, é a partir da construção superlativa harmônica que vão se estabelecer as condições típicas, ou *defaults*, que servirão de base para a identificação das construções desencontradas.

As construções desencontradas apresentam incongruências em relação às construções harmônicas, mas preservam, de alguma forma, sua estrutura básica. Assim, a CSSEA com *-íssimo*, objeto de nosso estudo, dentro de uma rede de

⁸ Exemplo disponível na *Framenet* em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?banner=/fnReports/banner.html>>. Acesso em: novembro 2010

heranças, constitui-se como um elo de uma rede mais ampla de construções – a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos. Tal construção genérica, como não poderia ser diferente, emergindo do uso de novas criações e integrações lexicais, com distintos operadores de escala (advérbios e afixos como -íssimo, -aço, -érrimo, super-, muito, dentre outros) se institui como uma herança do esquema genérico da Construção Superlativa do Português. Contudo, o novo padrão se diferencia do primeiro em um ponto crucial que o define como um Desencontro/*mismatch*, a saber, o caráter não graduável de seu núcleo.

Em síntese, as condições do Desencontro de tal construção, formalizadas na Figura 2 abaixo, são as seguintes:

1. O núcleo apresenta peculiaridades quanto à estrutura que o constituiu. Enquanto as superlativas canônicas lidam com núcleos graduáveis (adjetivos e advérbios), as superlativas de estados absolutos remetem a um núcleo de estado absoluto (adjetivos, substantivos ou advérbios) e, por isso, a princípio, tem uma dimensão semântica não-graduável.
2. Fundamentalmente, o que muda na estrutura das Construções Superlativas de Estados Absolutos é, portanto, o caráter semântico de seu núcleo.
3. Em síntese, a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos opera a integração e/ou fusão de um Núcleo Absoluto com um Operador de Escala Superlativa, como proposto na Figura 2 abaixo:

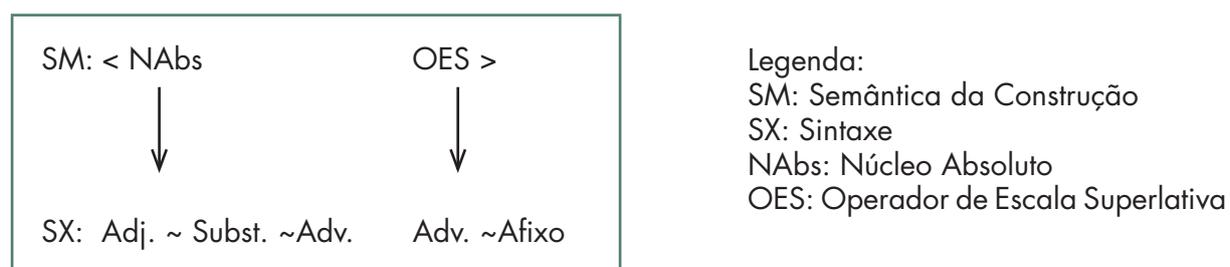


Figura 2: A Construção Superlativa Genérica (Sintética ~ Analítica) de Estados Absolutos

A Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos abrange, assim, tanto as construções analíticas quanto as sintéticas, com os mais diversos afixos, como demonstram os exemplos de (13) a (15):

- (14) Fazendo jus à minha condição de solteiríssimo, gosto de cozinhar. Gosto mesmo, de preparar qualquer coisa, arranjar os ingredientes, ...⁹
- (15) Sou casado agora. Se falar que a mulherada não é folgada, minha mulher vai dizer que é mentira... (risos) Mas estou sossegado nos últimos ...¹⁰
- (16) o juiz roubar, descaradamente, um ponto q a *bola foi MUITO dentro* e a bandeirinha deu dentro tb desequilibra mentalmente qualquer time.¹¹

Contudo, conforme definição já explicitada de nosso objeto, nossas análises estão circunscritas às construções sintéticas formadas a partir do sufixo -íssimo, aqui nomeadas como *Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo*. Nesse sentido, extraímos de nosso banco de dados as seguintes instanciações do padrão construcional, demonstrado anteriormente:

- (17) Há muito tempo estava atrás de uma receita de bolo de milho que ficasse fofinho assim. Já fiz duas vezes aqui em ksa e foi aprovadíssimo por todos.¹²

Adj. Suf.
Nabs OES

- (18) Viviane Castro, candidatíssima a peladona do carnaval 2008.¹³

Adj. Suf.
Nabs OES

- (19) Agora jah esta fora da disputa... eliminadíssimo, desclassificado...¹⁴

Adj. Suf.
Nabs OES

Conforme anunciado, são 30 os *types* da CSEA considerados neste estudo e listados no quadro 1 a seguir:

⁹ Exemplo disponível em: <farrapovelho.blogspot.com/2009_02_01_archive.html>. Acesso em: outubro 2010

¹⁰ Exemplo disponível em: <www.terra.com.br/istoegente/224/entrevista/index_2.htm>. Acesso em: outubro 2010

¹¹ Exemplo disponível em: <forum.portaldovt.com.br>. Acesso em: outubro 2010

¹² Exemplo disponível em: <<http://www.dadivosa.org/2006/09/13/bolo-de-milho-super-casheiro/>>. Acesso em: outubro 2010

¹³ Exemplo disponível em: <http://oglobo.globo.com/carnaval2008/rio/mat/2008/02/03/viviane_castro_candidatissima_peladona_do_carnaval_2008-425462090.asp>. Acesso em: outubro 2010

¹⁴ Exemplo disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080817182243AAapWGg>>. Acesso em: outubro 2010

1	<i>aprovadíssimo(a)</i>	16	<i>graduadíssimo(a)</i>
2	<i>assinadíssimo(a)</i>	17	<i>gravidíssima</i>
3	<i>Candidatíssimo</i>	18	<i>separadíssimo(a)</i>
4	<i>casadíssimo(a)</i>	19	<i>namoradíssimo(a)</i>
5	<i>combinadíssimo(a)</i>	20	<i>namorandíssimo(a)</i>
6	<i>confirmadíssimo(a)</i>	21	<i>nascidíssimo</i>
7	<i>compradíssimo(a)</i>	22	<i>recomendadíssimo(a)</i>
8	<i>condenadíssimo(a)</i>	23	<i>prontíssimo(a)</i>
9	<i>vendidíssimo(a)</i>	24	<i>noivíssimo(a)</i>
10	<i>desempregadíssimo(a)</i>	25	<i>solteiríssimo(a)</i>
11	<i>Eleitíssimo</i>	26	<i>viuvíssimo(a)</i>
12	<i>eliminadíssimo(a)</i>	27	<i>mortíssimo</i>
13	<i>feitíssimo(a)</i>	28	<i>vivíssimo</i>
14	<i>reprovadíssimo(a)</i>	29	<i>foríssimo(a)</i>
15	<i>formadíssimo(a)</i>	30	<i>dentríssimo(a)</i>

Quadro 1: *Types* da CSSEA analisados

O conflito/incongruência da CSEA pode ser compreendido a partir das relações de polaridades descritas por Israel (2004) e já, apresentados anteriormente. Separadamente, o núcleo e o sufixo apontam para relações de polaridade diferentes. Por remeter a um estado absoluto, o item que constitui o núcleo vai estabelecer uma relação semântica de *contradição*. Isso significa que, em outros contextos, quando não há a presença de qualquer Operador de Escala, aquele item determinado não vai permitir gradação ou meio termo (*João é solteiro, enquanto Mário é casado; Apenas Maria foi aprovada no exame, os demais foram reprovados; Estou sem notícias de Carmem há meses, não sei se ela está viva ou morta.*). Já o sufixo -íssimo implica uma leitura escalar de seu núcleo, colocando-o no topo da escala. Essa leitura escalar que emerge a partir do uso desse sufixo, desloca o item de estado absoluto para o campo de relações de *polaridades contrárias*.

Dessa forma, então, estabelece-se a tensão no interior da Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos:



Figura 3: Tensão núcleo VS sufixo da CSSEA

Contudo, a visão holística, que emerge do conceito de construção, permite reconhecer que essa tensão, em vez de gerar agramaticalidade, faz emergir um novo padrão construcional no português, com sentido e uso peculiares. Assim, podemos dizer que os Desencontros não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema lingüístico. O que se sobrepõe é, pois, o sentido da construção. Desse modo, o sentido da construção coage o sentido das partes (radical + sufixo) que a integram, gerando, assim, uma nova leitura.

Nas Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos, as noções como *casado*, *solteiro*, *candidato*, *desempregado* e etc. passam pelo processo de reanálise quando se unem com o operador de escala superlativa *-íssimo*, deixando de ter relação de *contradição* e passando a constituir uma relação de *contrário*, o que permite, assim, sua leitura escalar.

Nesse sentido, da mesma forma que podemos traçar, entre os pólos de um mesmo domínio conceitual, uma escala graduando os itens em relação de *contrário*, tendo como um dos pólos um superlativo canônico, a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos também licencia a ordenação de estados em uma escala de pólos contrários, atribuindo grau a esses estados. Contudo, um dos pólos dessa nova escala será um superlativo desencontrado. Nesse jogo, *casadíssimo*, *solteiríssimo*, *candidatíssimo* e *desempregadíssimo* passam a ser o topo da polaridade e apontam a noção prototípica (LAKOFF, 1987) a que esses estados remetem.

A noção de protótipo é fundamental na constituição do sentido da CSSEA. Na verdade, o significado de “*ser casadíssimo*”, “*ser recomendadíssimo*”, “*estar aprovadíssimo*” e etc., para além de identificar um estado, atribui-lhe propriedades consensuais, idealizadas e por isso aponta em direção à noção de protótipo. Assim, declarar-se “*casadíssima*” ou “*solteiríssima*” vai além de dizer o seu estado civil. Da mesma forma, anunciar uma gravidez dizendo “*Estou gravidíssima!*” é mais que reportar o estado em que se encontra. O sentido da CSSEA se dá a partir do momento que um novo perfilamento é instituído e temos um novo enfoque dos elementos com base no que consideramos ser o melhor exemplo de determinada categoria.

Esse novo perfilamento sugerido pelas CSSEA traz à tona a noção de protótipo aqui entendido como a soma de todos os atributos que constituem um determinado estado. Podemos, então, concluir que, em uma CSSEA, é possível atribuir ao sujeito não só uma, mas todo um conjunto de propriedades. Se com a expressão *ser solteiro* se predica uma propriedade específica – não ter um relacionamento estável – com *ser solteiríssimo*, predica-se um conjunto de propriedades sobre o sujeito derivadas da noção prototípica desse estado.

A partir do momento em que se concebe o protótipo proposto pelas CSSEA como a soma de todos os atributos torna-se também possível representar o conjunto de propriedades de um determinado estado absoluto em uma gradação escalar. Assim, o topo seria o conjunto de todas as propriedades, o protótipo representado lexicalmente pelas CSSEA, possibilitando uma gradação em que quanto menos propriedade/ atributo se tem menos intenso se é. Nesse sentido torna-se, portanto, possível uma gradação escalar cujo topo é ocupado pela CSSEA.

O processo de interpretação dessa construção passa, pois, por uma reanálise que aponta para a soma total de propriedades ou qualidades mais relevantes e específicas e equivale, por isso, a uma forma adjetiva ou substantiva graduável.

5 Considerações finais

Esse artigo procurou compreender o processo que permite a união de um núcleo absoluto e um operador de grau evidenciado nas Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos do tipo *casadíssimo, solteiríssimo, mortíssimo, eleitíssimo e gravidíssima*.

Pôs-se, então, um desafio analítico: desvelar a configuração morfológica e semântica incongruente da construção – um núcleo que remete a um *estado absoluto não-graduável (desempregada, casada, grávida)* integrado a um *operador de escala superlativa (-íssimo/a)*. O fenômeno do Desencontro/ *mismatch* foi a resposta analítica encontrada. Assim, a visão holística que emerge do conceito de construção nos permitiu reconhecer que a tensão entre os constituintes dessas unidades, em vez de gerar agramaticalidade, faz emergir um novo padrão construcional no português, com sentido e uso peculiares. Os Desencontros, portanto, não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico.

A partir das relações polares de *contrário* e *contradição*, descritas por Israel (2004), foi possível compreender melhor o processo de Desencontro presente na CSSEA. Constatamos, pois, que o núcleo e o sufixo apontam para polaridades

diferentes, estabelecendo uma tensão no interior da construção. Enquanto o radical estabelece relações de *contradição*, por ser um estado absoluto, não graduável, o sufixo, por ser um atribuidor de grau, estabelece relações *contrárias*.

Em termos dos elos de herança, vinculamos a nossa construção, em primeira mão, à construção superlativa harmônica, a Construção Superlativa Genérica do Português, definida por núcleos graduáveis (como *divertido*, *cansado*, *feliz*). Em seguida, postulamos a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos (CSSEA), uma construção desencontrada, que pode apresentar a forma analítica (*muito casado*, *bastante solteiro*, *muito dentro*) ou sintética, através de diferentes afixos de valor superlativo (*solteiríssimo*, *casadoço*, *gravidíssima*).

Para além dos ganhos analíticos pontuados, esse estudo traz ao cenário da Gramática das Construções um campo pouco considerado dentro deste paradigma teórico-analítico – a Morfologia semiproductiva. É um campo fértil de questões especialmente no caso do português, uma língua de morfologia tão rica¹⁵.

Referências

ALBERGARIA, Genezpabla. *Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um frame 'animal'*, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

CROFT, William. & CRUSE, D. Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William. *Construction Grammar*. In: GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

FILLMORE, Charles. *Inocence: a second idealization for linguistics*. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

_____. *Frame Semantics*. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

¹⁵ A partir do estudo de caso descrito, estamos desenvolvendo um estudo mais amplo da CSSEA, considerando-a em suas relações de herança e motivação mais amplas, ampliando os sufixos envolvidos na construção (-íssimo, -ésimo, -ão, -aço, -ona) e buscando um novo modelo de formalização inspirado no Constructicon (FILLMORE, LEE-GOLDMAN e RHODES, 2012).

FILLMORE, Charles; LEE-GOLDMAN, R. & RHODES, R. "The FrameNet Construction". In: BOAS, H. & SAG, I. *Sign-Based Construction Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

FRANCIS, Elaine J. & MICHAELIS Laura A. *Approaches to mismatch*: introduction. In.: Miriam Butt & Tracy Holloway King (Eds.) *Proceeding of the BFG00 Conference Workshops*. Satanford: CSLI Publication. [online conference proceedings], 2000.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ISRAEL, Michael. *The pragmatics of polarity*. In Horn & Wards (eds) *The Handbook of Pragmatics*. Blackweel, 2004, pp. 701-723.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *The contemporary theory of metaphor*. In Ortony : 1993, p. 202-251.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive Grammar*. Vol. I Stanford: Stanford University of Chicago Press 1987.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

_____. *Metáforas da Vida Cotidiana*. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, São Paulo: Mercados de Letras; São Paulo: EDUC, 1980 [2002].

MACHADO, Patrícia Miranda. *A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo*: Um caso de Desencontro/mismatch morfológico. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MICHAELIS, Laura A. Type Shifting in Construction Grammar: na intergrated approach to aspectual Coercion. In: *Cognitive Linguistics*. Volume 15, Issue 1, Pages 1–67, ISSN (Online) 1613-3641, ISSN (Print) 0936-5907, January 2006. doi: <http://dx.doi.org/10.1515/cogl.2004.001>

MIRANDA, Neusa Salim. *Construções superlativas do português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

_____. *Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as construções Negativas Superlativas de IPN*. Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, dezembro, 2008b.

_____. *Construções superlativas no português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2007.

_____. *O caráter partilhado da construção da significação. Veredas*. V. 5, n. 1, Juiz de Fora, UFJF, 2002, p. 57-81.

MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.) *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RIO-TORTO, Graça. *Para uma gramática de usos do adjetivo. Alfa*, 50 (2): 2006, p. 103-129.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. Veredas*, Juiz de Fora: UFJF, v. 4, n. 1, 1999, p. 61 – 79.

_____. *FrameNet Brasil: um trabalho em progresso*. In: *Revista Calidoscópico*, vol. 7, n. 3 – set/dez. São Paulo: Unisinos 2009a, p. 171-182. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/cld.2009.73.01>

_____. *Tudo certo como dois e dois são cinco*. In.: MIRANDA, Neusa Salim. & SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *Construções do português do Brasil: da Gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33 – 74.

SAMPAIO, Thais Fernandes. *A família de construções de argumento cindido no português do Brasil*. 2010. 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

TOMASELLO, Michael. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: *Cognitive Linguistics* v. 18 - 4, 2007, p. 523-557.

Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-137, jun. 2014

WEB CONCORDANCER BETA. Disponível em: <<http://webascorpus.org/searchwac.html>>. Acesso de janeiro a agosto de 2010.

Recebido em: 30/03/2014
Aprovado em: 09/05/2014